

Fernanda Pereira Mendes (Org.) (2021): *Dante e Portugal: presenças lusas e andaluzas na Divina Comédia*, Ed Associazione Socio-Culturale Italiana del Portogallo Dante Alighieri. Madrid: Estilo Edugraf Impresores. 218 pp. ISBN: 978-989-99881-2-5

O estudo das letras, no chamado período medieval, constitui uma árdua tarefa aos pesquisadores: de um lado, há a escassez de fontes, de documentos e manuscritos; de outro, a mudança linguística, dado que as línguas vernaculares ainda concorriam com a latina no continente. Desde o século XIX, filólogos buscam resgatar esse elo das produções, organizando o percurso de transmissão e recepção dos principais autores clássicos e seus imitadores. Com Dante não foi diferente: os estudiosos trataram de reconhecer as referências, os modelos e as estruturas em suas obras, dando especial destaque à *Comédia*. Em uma passagem da obra *Literatura Européia e Idade Média Latina*, de 1946, Ernst Curtius reconheceu que as letras medievais, produzidas até meados do século XV, estabelecem uma relação clara e intensa com os autores clássicos, gregos e romanos, produzidos e traduzidos em língua latina e empregados como modelos de imitação. No caso de Dante, é Virgílio, autor da *Eneida*, seu guia no Inferno e Purgatório (*Inf*, I, 85), *Tu se' lo mio maestro e 'l mio autore*. À sua maneira, os modelos clássicos, latinizados, foram lidos pela Igreja e tornaram-se fundamentais para a educação dos letrados.

Concorrem, ao lado da tradição latina, ao menos duas outras de igual importância para as letras e as artes medievais do período: a árabe e a judaica. Uma série de estudos e pesquisas, publicados nas últimas décadas do século passado, se debruçou sobre os documentos e manuscritos, resgatando uma outra rede de circulação de textos e imitação além da latinidade, localizada especialmente na região da Península Ibérica e no sul da atual Itália, espaço de confluência das três culturas durante séculos. Escolas de tradução, como a de Afonso X, o Sábio, e de Frederico II, da Sicília, foram reconhecidas pela comunidade como importantes centros de documentação e transmissão da tradição árabe e judaica, sendo difundidas em todo o continente europeu. No caso das obras de Dante, dois estudos levantaram a hipótese da presença das letras árabes em seus escritos: *La Escatología musulmana en la Divina Comédia*, de Miguel Asín Palacios, de 1919; e *Il Libro della Scala e la questione delle fonte arabo-spagnole della Divina Comedia*, de Enrico Cerulli, de 1949. Os estudos reconheceram, com base nas fontes documentais, a influência dos escritos árabes, especialmente a “Escada de Maomé”, na obra do poeta florentino. Após uma repercussão ambígua, que dividiu os estudiosos do autor entre aqueles que rejeitaram a hipótese e os que a abraçaram, as duas teses se mostram passíveis de debate e discussão na academia.

O trabalho organizado por Fernanda Pereira Mendes, em comemoração aos setecentos anos da morte do poeta Dante Alighieri, constitui um importante capítulo nesta discussão, ao reunir um conjunto de trabalhos sobre a presença das letras árabes e ibéricas na obra do poeta. Podemos compreender também essa presença em seu sentido mais amplo: há um importante estudo sobre a tradição da dantística brasileira e portuguesa com um levantamento de estudos, traduções, teses universitárias e livros dedicados ao florentino. Dado o apagamento da cultura árabe na Europa medieval, reforçado pelos conflitos militares como as Cruzadas e a Reconquista, a organizadora reconhece um duplo objetivo do livro: de um lado, retomar as relações entre a Península Ibérica e a obra de Dante, resgatando os trabalhos inaugurais, como os de Asín Palacios, Enrico Cerulli e José Muñoz Sedino; e, de outro, abrir espaço para novos estudos e pesquisas acadêmicas sobre o tema. O livro está organizado segundo um percurso histórico, cultural e geográfico: os primeiros trabalhos, escritos por Helmi Ibrahim Nasr, Maurizio Capone, Maria Soresina e Domenico de Martino tratam justamente da presença muçulmana medieval, levantando as fontes, os estudos e o percurso dos documentos na Idade Média. Esse primeiro bloco é encerrado com o trabalho de Maria do Céu Pinto Arena, que estabelece um importante balanço da relação entre o Islão e o Ocidente, da Idade Média aos nossos dias. Em seguida, o artigo de Maria Cecília Casini nos faz retornar para o Brasil, traçando um percurso da recepção dos escritos de Dante na cultura, na academia e na literatura brasileiras. Por fim, os três últimos artigos, de Afonso Rocha, António Quadros e Fernanda Pereira Mendes, centram-se na influência lusófona na obra de Dante.

O artigo de abertura, escrito por Helmi Ibrahim Nasr, levanta um importante percurso acadêmico e documental da relação entre Dante e o Islão. Até a publicação do trabalho de Miguel Asín Palacios, a obra do poeta florentino foi compreendida segundo duas chaves de leitura: a imitação dos modelos de literatura e filosofia clássicas, especialmente dos latinos e dos padres fundadores do pensamento da Igreja de Roma; e a manifestação de uma genialidade e originalidade do poeta. O ponto de inflexão nessa leitura ocorreu com a publicação em 1919 de *La Escatología Musulmana en la Divina Comedia*, de Miguel Asín Palacios, que, segundo Nasr (p. 27): “defende a tese de que Dante,

na criação de seu poema, foi muito influenciado pela escatologia islâmica e pelas decorrentes adaptações literárias da viagem de Mohammad ao além”. Entre o silêncio e a polêmica, a obra de Palacios abriu espaço para outros dois importantes estudos, *La Escala de Mahoma*, de José Muñoz Sendino, e *Il Libro della Scala e la questione delle fonte arabo-spagnole della Divina Comedia*, de Enrico Cerulli, ambos publicados em 1949. A de Muñoz Sendino resgata um conjunto de manuscritos, traduzidos para o latim, que trata da ascensão de Maomé, evidenciando a circulação do texto na Europa medieval. A de Cerulli, por sua vez, faz um levantamento das traduções latina e francesa do *Livro da Escada*. Estabelecidos os possíveis textos e fontes da *Comédia*, Helmi Ibrahim Nasr apresenta as tradições islâmicas do *Isrá*, a viagem de Maomé, da *Mi'raj*, de sua ascensão celeste, da *Epístola do Perdão* e do *Livro da Escada*, esta última fundamental e que, segundo o pesquisador (p. 66): “parece ser a prova definitiva que todos esperavam para aceitar a influência que Dante recebera da literatura acerca da escatologia islâmica”.

Se o primeiro ensaio tratou dos estudos fundadores, o segundo, de Maurizio Capone, se debruça sobre os estudos de Marina Corti, fundamentais para a compreensão das relações entre o Islão medieval e as cidades italianas. Em 1995, a autora publica o “*La Commedia di Dante e l’Oltretomba islamico*”, traçando algumas considerações sobre a circulação dos textos no período. Segundo Capone, o estudo de Corti indica duas figuras centrais para a compreensão do mundo cristão e muçulmano (p. 70): “Afonso X, o Sábio (1221-1284), rei de Castela e Leão, e Frederico II (1194-1250), rei da Sicília e imperador do Sacro Império Romano”. Os dois estimularam, conforme aponta Corti, a intensa circulação e tradução de manuscritos árabes, especialmente na cidade de Toledo e nos centros letrados sicilianos. Capone, então, reconhece três possibilidades metodológicas para analisar a relação entre o poeta e a tradição árabe: a interdiscursiva, a intertextual e a correspondência formal, apontando que os estudos já citados conseguiram demonstrar, nesses três níveis, a presença dos textos árabes na *Comédia* de Dante (p. 75): “Um atento exame comparativo das duas obras [o *Livro da Escada* e a *Comédia*] mostra que há numerosos casos”. O artigo seguinte, o de Maria Soresina, apresenta uma outra presença do Islão em Dante, à parte do debate inaugurado por Palacios. A pesquisadora destaca que a representação das figuras de Averróis, Avicena e Saladino, no Limbo, e de Maomé e Ali no Inferno demonstrando o conhecimento de Dante sobre a tradição religiosa e filosófica islâmica.

O capítulo de Domenico Martino faz um apanhado historiográfico dos trabalhos sobre a relação entre Dante Alighieri e o islã medieval, reconhecendo os estudos iniciais, o silêncio da crítica europeia e o esforço por desconstruir uma visão nacionalista e romântica das literaturas vernaculares. Após esse sistemático e detalhado balanço, o pesquisador sugere a necessidade de dar continuidade às pesquisas sobre as dinâmicas cultural, letrada e filosófica entre o mundo cristão e o muçulmano (p. 113): “Para o futuro, será preciso trabalhar energeticamente na interdisciplinaridade, com o olhar colocado particularmente também na história da arte e da iconografia [...] para além de Dante e seus contemporâneos”. Esse primeiro bloco é encerrado com o capítulo de Maria do Céu Pinto Arena, que apresenta um breve panorama histórico e cultural do mundo islâmico, do medieval ao século XXI. A pesquisadora nos lembra a importância dos centros de tradução e das bibliotecas, responsáveis por reunir e armazenar textos até então desconhecidos pelos europeus (p. 117): “Com base principalmente em textos gregos, mas também sírios, indianos e persas, os estudiosos acumularam uma vasta reserva de conhecimento do mundo da época”. Para a autora, essas duas culturas, outrora co-habitantes em boa parte dos continentes europeu e asiático, entraram em conflito, resultando no que ela chama de rivalidade e hostilidade.

As influências lusófonas são contempladas em seu sentido mais amplo pela professora Maria Cecília Casini, em um trabalho sobre a presença de Dante Alighieri na cultura, literatura e crítica brasileira e portuguesa. Segundo a autora, o poeta italiano foi citado pela primeira vez em documentos do século XVIII, período denominado pela crítica brasileira de “neoclássico”. Desde então, a presença de Dante foi se intensificando, seja nas leituras e comentários dos românticos, ou nas primeiras traduções de sua obra no Brasil. Se o primeiro ingresso do poeta no país ocorreu nos círculos letrados, um segundo se deu com a imigração italiana, na passagem do século XIX para o XX (p. 149): “Dante, ‘pai’ dos oprimidos, dos desterrados, dos exilados, dos condenados injustamente [...] parece um modelo exemplar, um mito agregador e prestigioso em um país de fresca criação como o Brasil”. O século XX marca, então, o estabelecimento e consolidação de uma Dantística Brasileira, com estudos, traduções, teses de doutoramento e livros dedicados ao poeta. No caso português, Cecília Casini reconhece uma dinâmica distinta: os letrados, ao tomarem como modelo de imitação, nos séculos XV e XVI, a poesia lírica de Petrarca, fizeram com que a presença de Dante ocorresse de forma tardia.

Os três últimos ensaios são dedicados à presença portuguesa na *Comédia*. Afonso Rocha apresenta as possíveis relações entre os templários, o esoterismo gnóstico e sua influência na obra do poeta italiano. Antonio Quadros, por sua vez, analisa a figura de D. Dinis, rei português responsável por lidar, ao lado dos demais monarcas da península, com a situação dos templários. Para o pesquisador, há uma possível incongruência no julgamento de Dante: apesar de ter transferido a propriedade dos templários e criado uma nova ordem religiosa, o rei é criticado por suas (p. 166) “*obras ignóbeis*”. Nesse sentido, Antonio Quadros reconhece que D. Dinis realizou, ao contrário, um ideal defendido pelo próprio Dante (p. 174): “A verdade é que, ao transpor de um pensamento [...] para a ação fundadora da nova Milícia de Cristo, [...] D. Dinis veiculava, implicitamente, o ideal de *Monarquia* segundo Dante”. Outra figura hispânica abordada no livro, dessa vez por Fernanda Mendes, é Petrus Hispanus, tomado ora como o papa João XXI, ora como um dominicano responsável por escrever um compêndio de lógica. O ponto de partida da pesquisadora é uma citação da *Comédia*, em que o poeta florentino, no Paraíso, apresenta o *Pietro Spano* (*Par.*, XII, 135). A pesquisadora traça um percurso filológico, levantando os comentadores da *Comédia*, bem como os documentos das ordens religio-

sas e os testemunhos da época, mostrando que a obra de Dante pode ser compreendida como uma fonte histórica, em que se agrupam tradições, obras e pensadores antigos e do medievo.

Não é imprudente afirmar que o livro *Dante e Portugal: presenças lusas e andaluzas na Divina Comédia*, organizado por Fernanda Mendes, é um marco importante para os estudos de Dante Alighieri e sua obra. Os ensaios agrupados desamarram nós teóricos históricos, abrindo espaço para uma nova leitura das relações entre o Islã e o mundo latino europeu. Os pesquisadores oferecem um conjunto de referências e documentos, evidenciando a dimensão da transmissão, da cópia e da recepção dos textos, permitindo a compreensão de uma “Idade Média” mais complexa e dinâmica do que aparenta. Também abrem caminhos para compreender o percurso de Dante ao atravessar o Atlântico, ser apropriado por imigrantes e tornar-se objeto de estudo, de tradução e de criação literária no Brasil.

Gustavo Luiz Nunes Borghi
Universidade de São Paulo
gustavo.borghi@usp.br